

EFICIÊNCIA [^]que faz a diferença

*A soma de fatores como condições naturais propícias, demanda crescente do mercado, inovações da pesquisa e tecnologias modernas ajudou o Brasil a ocupar posições de liderança no agronegócio mundial nas últimas décadas. Mas nada teria validade se no campo os protagonistas dessa trajetória não trabalhassem com perseverança e ousadia. Ainda que precisem superar desafios inerentes à atividade, eles não cansam de buscar o diferencial para manter a rentabilidade positiva ao final de cada safra. Na reportagem a seguir, **A Granja** apresenta exemplos de produtores que trabalham com seriedade e ajudam a elevar as médias de produtividade das lavouras brasileiras. São cinco relatos, mas sabemos que histórias como essas se repetem inúmeras vezes por todo o País*

*Denise Saueressig
denise@agranja.com*



O agronegócio passou por intensas transformações nos últimos anos. A difusão do conhecimento e das tecnologias possibilita uma série de inovações que não eram sequer imaginadas há algumas décadas. A consequência desse processo foi também a mudança no perfil dos produtores. “Vivemos o momento da agricultura baseada em ciência. Não podemos mais olhar pelo retrovisor, mas sim adiante e com bastante atenção para as novidades que existem nos segmentos de insumos, sementes e equipamentos”, destaca o pesquisador e consultor Mauro Lopes, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para o especialista, estamos diante de um perfil de produtor que contribui de forma significativa para os avanços da tecnologia pelo trabalho que realiza fazendo experimentações em suas áreas. “Todo produtor, mesmo o mais conservador, pode reservar uma parte da sua propriedade e dos seus recursos para testar sementes e outras inovações”, considera.

A intimidade com os ciclos da natureza também faz com que muitos mudem sua postura diante das urgências ambientais. Da mesma forma, a atenção às boas práticas capazes de combater problemas como a compactação e a erosão do solo passou a receber mais atenção. “Temos exemplos muito positivos, mas ainda um longo caminho a percorrer nesse aspecto. Acho que ainda fazemos pouco perto do que podemos fazer”, analisa Lopes.

Uma nova geração de produtores merece elogios, na opinião do pesquisador. São os jovens que têm a opção de deixar o campo, mas resolvem permanecer e buscar qualificação. “Eles são diferenciados. Cresceram nesse meio e querem inovar. Participam de feiras, buscam informação e conseguem absorver as novidades com grande velocidade”, enumera.

Mas o consultor também enaltece o esforço dos mais antigos, que incorporaram, por exemplo, práticas como a integração lavoura-pecuária.

Denise Sauteressig



“Houve histórias de fracasso no início e muitos abandonaram os experimentos. Mas houve quem insistiu e obteve sucesso, como é o caso do ex-ministro da Agricultura Alysso Paolinelli (colunista d’**A Granja**). Hoje a integração é uma ferramenta em crescimento e com muitos relatos de bons resultados”, cita.

Empreendedores confiantes – Entre novembro de 2016 e março deste ano, 2.835 agricultores e pecuaristas responderam à Pesquisa Hábitos do Produtor Rural, promovida pela Associação Brasileira de Marketing Rural & Agronegócios (ABMRA) e operacionalizada pela FNP Informa. A sétima edição do trabalho foi feita presencialmente em 15 estados e envolveu mais de 100 questões. Alguns dados merecem destaque em relação às informações obtidas no estudo anterior, de 2013. Um deles se refere à faixa etária dos responsáveis pela propriedade. “Notamos que os mais jovens ampliaram sua participação. Enquanto em 2013, 20% dos respon-

Experimentações, busca de informação e atenção às boas práticas agrícolas são algumas das características de produtores eficientes

dentes tinham entre 18 e 35 anos, agora essa parcela chegou aos 27%”, aponta Ricardo Nicodemos, diretor de Pesquisas da ABMRA.

Os respondentes relacionaram os desafios da atividade rural e, segundo eles, entre os principais estão a preocupação com a produtividade, a escassez de mão de obra qualificada, a ocorrência de pragas e doenças e a influência do clima. A sustentabilidade ambiental é outra questão-chave. “Percebemos a preferência dos produtores por trabalhar com empresas e parceiros que valorizam o tema”, detalha Nicodemos.

Na avaliação do executivo, as mudanças no perfil dos homens e mulheres que comandam o campo estão diretamente ligadas à posição de liderança do agronegócio brasileiro em

As transformações relacionadas à difusão do conhecimento e das tecnologias no agronegócio implicaram também em mudanças no perfil do produtor rural



Robert e Ernest Milla: produtividades de até 98 sacas por hectare na soja com manejo que prioriza a conservação do solo



diferentes mercados. “São comportamentos empreendedores que resultam em melhorias na produtividade e em maior eficiência”, resume. O produtor, acrescenta Nicodemos, também revela um alto grau de confiança no agronegócio nacional, ainda que o momento seja de turbulências no País.

Rotação sempre – A crença em dias melhores e a convicção sobre a relevância do próprio trabalho são motivações características de quem trabalha no campo e elementos que acompanham a trajetória de vida de milhões de produtores pelo País. É o caso da família Milla, cuja história na agricultura brasileira teve início no Paraná, na década de 1950. No distrito de Entre Rios, em Guarapuava, Ernest Milla cultivou raízes desde a infância, quando veio da Áustria

com a mãe. A pequena propriedade da época deu lugar aos 4,3 mil hectares de hoje, onde Ernest, aos 72 anos, trabalha com os três filhos: Robert, Karl e Egon. Juntos, eles formam o Condomínio Milla.

Amigo dos protagonistas da história do plantio direto no Brasil - Herbert Bartz, Manoel Henrique “Nonô” Pereira e Franke Dijkstra – Ernest Milla também foi um dos pioneiros da utilização do sistema nas lavouras no Paraná. “Nosso pai sempre levou muito a sério a conservação do solo”, resume o produtor e engenheiro agrônomo Robert Milla. Aos 26 anos, ele conta que coloca em prática o que aprendeu com o pai, em casa, e com os professores no curso de Agronomia na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Nas áreas da família, o solo está sempre coberto com lavouras de soja, milho, feijão, aveia-preta, cevada e trigo. A rotação é seguida com disciplina e, ainda que o milho no verão não apresente uma rentabilidade tão interessante, o esquema com a soja é feito todos os anos. “Somos referência na nossa região como uma das poucas propriedades que cultiva metade da área com soja e metade com milho”, observa o jovem produtor.

Tanto cuidado com o sistema tem como consequência produtividades surpreendentes. A média da soja na atual safra foi recorde e atingiu 88

sacas por hectare, sendo que alguns talhões chegaram a 98 sacas. Nas áreas de milho, o rendimento também foi inédito, de 261 sacas por hectare.

A preocupação com as condições do solo se estende à erosão, que também é controlada com a rotação e com o plantio direto. “São práticas que colaboram para o aumento da matéria orgânica e para a redução da perda de nutrientes”, ressalta Milla, lembrando que a erosão ainda é prevenida com medidas como a instalação de bacias de contenção de água junto às estradas próximas à propriedade.

Novos horizontes – Vislumbrando as possibilidades da fronteira agrícola na região do Matopiba, a família partiu para investimentos em áreas no Piauí no início dos anos 2000. A primeira safra na propriedade que pertence ao município de Baixa Grande do Ribeiro foi cultivada em 2002. Atualmente são 16 mil hectares plantados com soja, milho e milheto, este último utilizado especialmente para viabilizar o plantio direto. O solo pobre da região requer ainda mais investimentos em adubação e em práticas de conserva-

Há mais jovens liderando o setor. Segundo pesquisa da ABMRA, em 2013, 20% dos produtores tinham entre 18 e 35 anos. Agora, representam 27%



ção. A rotação da soja e do milho também vem sendo adotada no estado do Nordeste, mas ainda não atingiu 100% da lavoura devido às novas áreas de cultivo que foram incorporadas nos últimos anos.

As condições climáticas na safra passada foram desastrosas para os produtores do Piauí, que na soja colheram média abaixo de 20 sacas por hectare, segundo a Conab. Na propriedade dos Milla, a média também foi baixa devido à escassez de chuva, mas em alguns talhões o rendimento chegou a 44 sacas por hectare, o que mostrou resposta do solo ao manejo empregado especialmente em áreas mais antigas de cultivo.

Na atual safra, a produtividade foi recuperada, e a família contabilizou média de 58 sacas por hectare, acima da média do estado, que é estimada em 50 sacas. “Acreditamos que há potencial para ampliarmos esses números, já que em algumas áreas mais antigas chegamos a colher 79 sacas por hectare”, menciona Milla. As estratégias de aumento da rentabilidade nos negócios da família incluem os investimentos em armazenagem nas propriedades do Paraná e do Piauí, onde a capacidade é projetada para atingir 100% da co-

Na Fronteira Oeste gaúcha, lavouras de arroz do produtor Jorge de Almeida integram iniciativas do Iriga de incremento de produtividade, como o Projeto 10+



Nourival Santos Neto / Caal

lheita nos próximos anos. “Na lavoura, nosso planejamento é continuar crescendo em produtividade de maneira sustentável”, complementa.

Arroz com carne – O produtor e médico veterinário Jorge Luiz Paim de Almeida brinca que substituiu um dos ingredientes do prato mais tradicional da mesa dos brasileiros nas suas propriedades em Uruguaiana, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. “Em vez do arroz com feijão, faço arroz com carne”. É assim que ele começa

a falar sobre o seu entusiasmo pela integração lavoura-pecuária (ILP). Nas duas áreas que juntas somam 500 hectares de lavoura, o produtor de 60 anos classifica o sistema como um grande diferencial para o aumento da produtividade e da renda. O trabalho com ILP iniciou há três décadas, mas ele ressalta que tudo foi feito com cautela e, inicialmente, em pequenas áreas.

Os resultados positivos logo foram traduzidos em melhoria dos rendimen-

scadi
agro

Soluções de Gestão para o Produtor Rural

SCADI Agro

— mais —
produtividade
PARA QUEM QUER
produzir
— mais —

www.scadiagro.com.br

Controle Financeiro | Resultados das Safras | Controle Fiscal
Indicadores Técnicos Econômicos | e muito mais

E-mail: comercial@scadiagro.com.br | Fones 53 32312276 | (51) 96533 6304



Produtor Luiz Carlos Figueiredo: projeto de usina fotovoltaica é a inovação mais recente da propriedade em Cristalina/GO

solo, que além de representar uma questão ambiental, deve ser uma preocupação econômica”, frisa.

Energia alternativa – A curiosidade e a vocação para

empreender fazem do agropecuarista Luiz Carlos Figueiredo um inovador. “Gosto de estar sempre inventando, mudando alguma coisa. É o que me relaxa”, revela. É com esse entusiasmo que o produtor de 69 anos investe na diversificação e na modernização das propriedades da família.

Na Fazenda Figueiredo, em Cristalina/GO, a produção de leite divide espaço com as lavouras cultivadas com soja, milho, feijão, trigo, aveia e café em sistemas irrigados. A última grande novidade da propriedade é uma usina fotovoltaica instalada sobre uma lâmina d’água. “Precisamos buscar alternativas sustentáveis de geração de energia, porque o Brasil tem problemas importantes nessa área”, justifica o produtor, que também é presidente da Associação dos Irrigantes do Estado de Goiás (Irrigo).

Iniciado em novembro, o projeto foi finalizado no mês passado. O lago de 5 mil metros quadrados que está sob as placas é formado por água da chuva armazenada para a limpeza das instalações ocupadas pelo rebanho leiteiro. A usina flutuante, além do principal objetivo de converter a luz do sol em energia elétrica, vai impedir até 70% da evaporação da água do local. Os 1.150 painéis instalados totalizam 300 kWp (unidade que mede a potência energética de células fotovoltaicas) e podem gerar uma produção estimada de 50 MWh/mês. A intenção é que a usina tenha condições de abastecer a energia necessária para a produção atual de 20 mil litros de leite ao dia.

A família Figueiredo aplicou em torno de R\$ 2 milhões no projeto da usina. O cálculo de retorno para o investimento é entre seis e sete anos, e a vida útil dos equipamentos é estimada em cerca de 30 anos. “A estru-

tos da lavoura e do gado. “O conceito de adubação do sistema e não apenas de determinada cultura é muito interessante para uma maior eficiência no aproveitamento dos recursos”, define. Sempre atento às novas ferramentas e tecnologias, o produtor gaúcho conta com o apoio de pesquisadores e técnicos do Instituto Rio Grande do Arroz (Irga), do Fundo Latino Americano para o Arroz Irrigado (Flar), da consultoria Agroplan, de Uruguaiiana, e da Cooperativa Agroindustrial Alegrete Ltda (Caal).

Junto ao Irga, Almeida integrou o Projeto 10, que foi lançado na safra 2001/2002 com diretrizes para elevar a produtividade na lavoura orizícola. Agora, também participa do Projeto 10+, que segue com o objetivo de incrementar os rendimentos agregando técnicas de manejo e gestão às propriedades. Nas suas lavouras, ele vem conquistando médias entre 10 mil e 11 mil quilos por hectare, volume acima da média do Rio Grande do Sul, de

quase 7,9 mil quilos na atual safra.

O produtor procura seguir à risca todos os anos um esquema de rotação entre o arroz e a pastagem, e ressalta que jamais deixa a terra descoberta. O azevém é plantado com adubação após a colheita do arroz. O gado permanece na área por cerca de 100 dias, quando então a pastagem é dessecada para receber o cultivo do cereal. Entre 600 e 700 cabeças de gado são terminadas por ano, e cada animal tem ganho de peso em torno de 1,2 quilo ao dia no sistema integrado.

Além de seguir o manejo sustentável e as recomendações da pesquisa nas suas áreas, Almeida considera fundamental contar com colaboradores comprometidos com a atividade e dedicados à condição das plantas e ao controle de pragas, doenças e invasoras. “Acredito que altos rendimentos dependem de uma série de fatores, como a época correta de plantio, a adubação equilibrada e, o mais importante, a conservação do

Produtividade, escassez de mão de obra qualificada, ocorrência de pragas e doenças e influência do clima estão entre as principais preocupações dos produtores



tura pode trabalhar ligada tanto à rede de energia elétrica, quanto a um motor gerador que funciona a óleo *diesel*”, explica Figueiredo, que pretende avaliar os resultados do projeto para prospectar novos investimentos que futuramente poderão ser utilizados também nas lavouras irrigadas que ocupam 2,5 mil hectares. “Precisamos acompanhar as tecnologias para incrementar os ganhos da nossa atividade. O mercado nem sempre é favorável com o produtor, então é importante trabalhar em processos com a máxima eficiência possível”, declara.

Tecnologia do capricho – É no plantio que se define o potencial produtivo de uma lavoura, costuma dizer a produtora e engenheira agrônoma Elizana Baldissera Paranhos, 37 anos. Em 2004, quando ela passou a cuidar mais de perto da lavoura do pai, Leomir Francisco Baldissera, nos 1,1 mil hectares cultivados pela família no município de Capão Bonito/SP, a produtividade média da soja era em torno de 60 sacas por hectare. Na safra 2015/2016, ciclo em que a média brasileira somou pouco mais que 47 sacas por hectare devido aos problemas climáticos, Elizana contabilizou 77 sacas por hectare. Já na atual safra, o rendimento foi de 85 sacas, contra as 55 sacas da média nacional.

Claro que as chuvas bem distribuídas contribuíram para o volume colhido, mas o fundamental é a rotina de cuidados que interferem diretamente sobre o ambiente onde as plantas se desenvolvem. “Meu pai trabalha há 50 anos com agricultura e sempre teve preocupação com a estruturação do solo. Eu sou mãe e faço uma analogia com o berço onde coloco meus filhos para dormir, ou seja, assim como quero colocá-los em um lugar aconchegante, as plantas também precisam encontrar a melhor situação para o seu desenvolvimento, o que inclui as condições do sulco de plantio, a profundidade adequada da semente e a distribuição homogênea do adubo”, argumenta.

Produtora Elizana Baldissera Paranhos: condições adequadas no plantio definem o potencial produtivo da lavoura



Fabiana Baldissera

Trabalhando com solos pesados, com teores de argila entre 35% e 70%, Elizana faz plantio direto e rotação de culturas com feijão, soja, milho segunda safra e trigo. O cálcio em profundidade colabora para o maior crescimento das raízes, e o grau de compactação do solo é mantido sempre abaixo de 1,5 MPa.

Outras preocupações são com a escolha de variedades bem adaptadas à região, com a velocidade do plantio, que não passa dos 5,5 km/h, e com a aplicação de defensivos, sempre rea-

lizada com tamanho adequado de gota e em horários ideais de aplicação. “O básico deve ser bem feito, é a chamada ‘tecnologia do capricho’. São muitos detalhes que levam à diferença no resultado final”, defende a produtora, que conta com a sensibilidade dos 15 colaboradores da propriedade para manter em dia as práticas de manejo.

Elizana busca qualificação constante, procurando participar de palestras, simpósios e feiras voltados ao setor. Depois de terminar a faculdade de Agronomia na Unesp, em Botucatu/

Competência traduzida em números

A eficiência dos processos no campo resultou em crescimento da produção brasileira. A atual safra será de recorde histórico, segundo a Conab, com estimativa de colheita em torno de 232 milhões de toneladas. Para comparação, no ciclo 2006/2007, o volume total foi de 131 milhões de toneladas.

No mês passado, o Ministério da Agricultura divulgou um estudo realizado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) sobre a produtividade em diferentes países. O Brasil tem posição de liderança na pesquisa, que revela aumento de 4,28% ao ano no rendimento da agropecuária nacional entre 2006 e 2010. China, Argentina e Estados Unidos são algumas das nações que aparecem na sequência, com índices de crescimento de 3,25%, 2,7% e 1,93%, respectivamente.

A análise considera o indicador de Produtividade Total dos Fatores (PTF), que incorpora todos os produtos da agricultura e da pecuária e os relaciona com os insumos. De acordo com o Ministério da Agricultura, a produtividade agropecuária no Brasil teve incremento médio de 3,58% ao ano entre 1975 e 2015.



Produtor Alexandre Schenkel: monitoramento constante, vazio sanitário e área de refúgio são algumas das práticas para manter a lavoura em boas condições

região mais segura do estado para o algodão, com médias de produtividade acima de 300 arrobas por hectare (ou 4,5 mil quilos) e potencial para 400 arrobas (ou 6 mil quilos)”, informa o produtor.

A influência do ambiente, no entanto, é apenas um dos fatores responsáveis por volumes acima da média nacional, estimada em 3,9 mil quilos pela Conab. Schenkel procura prestar atenção a todas as etapas de desenvolvimento da planta e segue as boas práticas para garantir que a lavoura esteja em condições sanitárias adequadas. “É uma cultura que precisa de monitoramento constante. Entre duas e três vezes por semana entramos na área para ver se está tudo bem ou se há a presença de pragas”, relata.

O vazio sanitário previsto em lei também é cumprido à risca e ajuda a evitar, por exemplo, a ocorrência do bicudo, principal inseto do algodão. Da mesma forma, o respeito à área de refúgio é fundamental para reduzir os problemas fitossanitários e, consequentemente, os gastos com a aplicação de agroquímicos. “Nós produtores podemos transformar o ambiente de forma positiva ou negativa. Se trabalharmos com responsabilidade e com as ferramentas adequadas, vamos conseguir usufruir o melhor do nosso espaço”, sustenta Schenkel. Ele alerta para a importância de interagir com os proprietários das áreas vizinhas, já que as práticas de um podem ter influência sobre o sistema do outro.

A safra 2016/2017 vai ficar na lembrança pelos excepcionais resultados na Fazenda Santa Rosa. Além da lavoura de algodão muito bem encaminhada (a colheita inicia em julho), a soja cultivada no verão também teve ótimo desempenho. “Foram 69 sacas por hectare, a melhor produtividade da minha vida”, ressalta. Em mais de 20 anos trabalhando na agricultura, Schenkel diz que já passou por ciclos positivos e negativos, e lembra os anos de 1994 e 2005, quando a crise aba-

SP, ela ganhou uma bolsa de estudos do governo japonês para fazer mestrado na Universidade de Agricultura e Tecnologia de Tóquio, no Japão, onde ficou por dois anos. “Antigamente era comum os pais falarem a seus filhos que, se não estudassem, iriam ficar na roça. Hoje é o contrário. O campo exige que o produtor se mantenha atualizado”, diz.

Na safra 2014/2015, a produtora foi campeã, na Região Sudeste, do Desafio de Máxima Produtividade da Soja promovido pelo Comitê Estratégico Soja Brasil (Cesb). Na área de dez hectares selecionada para o concurso, o rendimento alcançou 122,99 sacas por hectare. “Não podemos esperar um resultado diferente fazendo a mesma coisa todos os dias. Faço muitos testes para ver o que pode ser melhorado em toda nossa área. Nossa meta é chegar à média de 100 sacas por hectare”, salienta.

Manejo cuidadoso – Alexandre Schenkel nasceu em Tapera, no interior do Rio Grande do Sul, mas ainda na infância conheceu a estrada rumo ao Cerrado. Aos 40 anos, ele é mais um representante da nova geração de produtores que busca qualificação para agregar qualidade aos conhecimentos adquiridos na rotina do campo. Formado em Agronomia pela Universidade Federal de Mato Grosso e com mestrado na área de sementes, Alexandre também é presidente da Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (Ampa) e diretor administrativo da Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja).

Na Fazenda Santa Rosa, em Campo Verde/MT, ele e o irmão, Jackson Reinoldo, cuidam de uma área de 750 hectares que é cultivada com soja, algodão, milho e feijão. “Estamos na

lou muitos produtores. “Procuramos melhorar para sobreviver. Acreditamos que aprendemos a atingir a eficiência a partir das dificuldades”, constata.

Gestão qualificada – Desde 2012 a Fazenda Santa Rosa integra o Programa Soja Plus, que é coordenado pela Aprosoja e pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), em conjunto com parceiros das iniciativas pública e privada. O projeto capacita gratuitamente os produtores para melhorias da gestão na propriedade, o que inclui aspectos relacionados ao meio ambiente, à viabilidade econômica da atividade, às boas práticas agrônômicas, às instalações rurais e a capacitação, segurança, saúde e conforto dos funcionários. Também existe a preocupação com a responsabilidade social, que envolve a interação com comunidades tradicionais próximas às propriedades e o desenvolvimento de projetos sociais

nas áreas de educação, cultura e lazer.

No ano passado, um grupo de holandeses visitou a propriedade para saber mais sobre o funcionamento do Soja Plus, e Schenkel recorda um episódio curioso que aconteceu no dia. “Quando fomos mostrar a eles nossa área de Reserva Legal, uma onça cruzou na nossa frente. Eles ficaram surpresos e nós, satisfeitos por estarmos conseguindo manter o ambiente protegido”, assinala.

O Soja Plus teve início em 2011 e já passou por 1,3 mil propriedades. O objetivo é levar capacitação teórica e assistência técnica a 2 mil

fazendas até o final de 2018. Além do Mato Grosso, participam do programa os estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Bahia. Os próximos integrantes serão

Goiás e Maranhão. Nas etapas que envolvem a produção, o programa estipula o monitoramento dos impactos sobre o solo e a água; mapeamento de riscos ambientais das operações; plano de redução, reutilização e reciclagem dos resíduos; procedimentos de uso de técnicas conservacionistas como o plantio direto e a rotação; e orientação para transporte, armazenagem e uso seguro de agroquímicos. 



Reserve esta data!

CONGRESSO
SINDAG
MERCOSUL E
LATINO-AMERICANO

8 a 10 de agosto de 2017
Canela - RS

**CONGRESSO SINDAG MERCOSUL
LATINO-AMERICANO DE
AVIAÇÃO AGRÍCOLA 2017**

**8 a 10 de agosto de 2017
Aeroporto de Canela/RS**

Para conhecer acesse www.sindag.org.br

As inscrições para o congresso podem ser realizadas pelo site.

Patrocínio 	Parceiros 	Apelo
-----------------------	----------------------	------------------

Realização

